

SERMÃO NO DOMINGO DE RAMOS¹*Achard de São Vítor*²

1. Venit Jesus *ad montem Oliveti*, et dixit discipulis suis: *Ite in castellum, quod contra vos est, et invenietis asinam et pullum* asine alligatos. *Solvite et adducite michi*. Discipuli autem a Domino missi, Domino obedientes, *asinam et pullum asine solverunt et adduxerunt ad Jesum, et imposuerunt vestimenta sua super eos*, et Jesum desuper sedere fecerunt; quibus Jesus insidens, venit in Jerusalem. Venit mons ad montem, spiritualis ad materialem, veritas ad figuram. Mons de quo dictum est: *Et erit in novissimis diebus preparatus mons domus Domini in vertice montium. Domus Domini*, hec est civitas Dei, que non potest abscondi, quia super hunc montem posita. Sed civitas dicitur propter distinctionem meritorum et premium, domus autem dicitur

1. Tendo se dirigido ao Monte das Oliveiras, Jesus disse aos seus discípulos: Ide à aldeia que está defronte de vós, e encontrareis uma jumenta amarrada e, com ela, seu jumentinho. Desamarrai-os e trazei-mos. Os discípulos, enviados pelo Senhor, obedecendo à sua ordem, desamarraram a jumenta e o jumentinho e os cobriram com seus mantos; os conduziram a Jesus, e fizeram-no montar. Estando Jesus sentado sobre o jumentinho, dirigiu-se a Jerusalém (cf. Mt 21,1-2; 7.10).

Veio o monte ao monte, o espiritual ao material, a verdade à figura. O monte, do qual é dito: no último dia, o monte da casa do Senhor será posto no mais alto dos montes (Is 2,2). A casa do Senhor, isto é, a cidade de Deus, que não pode permanecer escondida, pois está posta sobre este monte (cf. Mt 5,14).

[Este monte] é chamado “cidade” por causa da distinção entre os méritos e os

1) Tradução e notas: João Paulo de Oliveira Bueno. Bacharel em Filosofia pela Università Pontificia Salesiana, de Roma, pela afiliação com o IFAT, e estudante de Teologia na Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, pela afiliação com o ITTA. Tradução elaborada a partir do original latino: ACHARDUS A SANCTO VICTORE. Sermo V, in Ramis Palmarum. In: ACHARD DE SAINT-VICTOR. *Sermons inédites*: Texte latin avec introductions, notes et tables par Jean Châtillon. Paris: J. Vrin, 1970, v. 17, p. 66-72 (Essa obra faz parte da coleção *Textes Philosophiques du Moyen Âge* [= TPhMA], publicada pela Librairie Philosophique J. Vrin).

Na versão portuguesa, a separação dos parágrafos não numerados foi promovida pelo tradutor.

2) Achard foi um teólogo medieval, nascido no início do séc. XII. De origem inglesa ou normanda, fez seus estudos em Brindlington, na diocese de York, e depois em Paris, onde ingressou na abadia de São Vítor. Foi o segundo abade deste mosteiro, sucedendo Gilduin em 1155. Em 1161, foi nomeado bispo de Avranches, onde permaneceu até sua morte, a 29 de março de 1171 (cf. MIGNON, A. Achard de Saint-Victor. In: VACANT, A.; MANGENOT, E.; AMANN, É. (org.). *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letouzey et Ané, 1909, v. 1, col. 309-310).

propter caritatis et dilectionis unitatem. *Mons*, inquit, *preparatus*, id est predestinatus, ut esset Filius Dei in virtute, ejusdem videlicet potentie, sapientie, bonitatis, cujus est et quante ipsum Verbum cui personaliter unitur. Non enim minus habet homo assumptus per gratiam quam Verbum assumens per naturam. Unde Apostolus: *In quo habitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter. Omnis dicitur comprehendens omnia que aliquid in Deo ponunt, ut potentia, sapientia, bonitas et similia. Quedam enim de Deo remote dicuntur, ut eternus, immensus, immortalis. Per plenitudinem autem intelligit totalitatem singulorum. Sed ne quis hoc totum exponat de Verbo subjunxit: corporaliter, id est in corpore Christi. In vertice montium, id est ut esset vertex montium, non solum sanctus, sed et sanctus sanctorum; ipsum enim dedit Deus Pater caput Ecclesie, dans ei nomen quod est super omne nomen quod nominatur hic et in futuro. Sunt enim quedam nomina angelorum ad presentem statum pertinentia, veluti Angeli, Archangeli, Virtutes, Potestates, Principatus, Dominationes, que*

prêmios; e “casa”, por sua caridade e unidade do amor. Dizemos que é *monte preparado*, ou seja, predestinado, como o Filho de Deus o é em virtude, poder, sabedoria e bondade; dado que é idêntico ao próprio Verbo, ao qual está unido pessoalmente.

Assim, o homem elevado pela graça não possui menos do que aquilo que o Verbo assumiu por natureza [ou seja, a divindade]. Onde o Apóstolo afirmar: no qual habita corporalmente toda a plenitude da divindade (cf. Cl 2,9). Ao dizer “toda a plenitude”, compreende tudo aquilo que se atribui a Deus: “poder”, “sabedoria”, “bondade” e semelhantes atributos; e também aquilo que a ele se atribui por alheamento [de nós], como “eterno”, “imenso” e “imortal”. Por “plenitude”, entretanto, compreende-se a totalidade dos [seus] atributos particulares. Mas, para que ninguém expusesse tudo isso somente acerca da Palavra, o Apóstolo acrescentou: *corporalmente*, ou seja, no corpo de Cristo.

No cume dos montes. Para que seja o cume dos montes não deve ser somente santo, mas sim “Santo dos santos” (cf. Dn 9,24).³ Isto Deus concede à cabeça da Igreja (cf. Ef 5,23), dando a ela o nome que está acima de qualquer outro nome (cf. Fl 2,9), que possa haver agora e no futuro (cf. Ef 1,21).

Há certos nomes de anjos pertencentes ao estado presente, a saber: Anjos, Arcanjos, Virtudes, Potestades, Principados e Dominações

3) Nesse trecho, a menção ao livro de Daniel sugere indicar o “Santo dos santos” como um homem, e não como um lugar, como aludem os livros do Deuteronômio e do Levítico: “Setenta semanas foram fixadas a teu povo e à tua cidade santa para dar fim à prevaricação, selar os pecados e expiar a iniquidade, para instaurar uma justiça eterna, encerrar a visão e a profecia e ungir o Santo dos Santos” (Dn 9,24-27).

omnia data sunt eis secundum “ministeria” que circa nos habent; *sunt etenim spiritus administratorii, missi propter eos qui hereditatem capiunt, quorum ministeria evacuabuntur cum Christus tradiderit regnum Deo et Patri. Ipse enim Christus tunc transiens ministrabit eis de humanitate ad divinitatem, ut sancti egredientes et ingredienti pascua inveniant. Sunt autem alia nomina angelorum ad futurum statum pertinentia, ut Throni, Cherubim et Seraphim. Throni dicuntur quidam angelorum, non secundum hoc quod se habent ad nos, sed secundum hoc quod Deus se habet ad eos, qui in eis sedet et quiescit, immo secundum hoc quod se habent ad Deum in quo quiescunt. Cherubim quoque, quod interpretatur plenitudo scientie, et Seraphim, quod dicitur ardens, propter excellentiam scientie et amoris sic nominantur. Que tria in futuro non evacuabuntur, immo forsitan aliquid addetur et quieti, et dilectioni, et scientie in revelatione *filiorum Dei*, ne ipsi consummentur sine nobis. Super has igitur dignitates dignitas Christi est sublimata, quia *a summo celo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus*, hoc est ad equalitatem Patris Christus est exaltatus. Est enim dignitas omnium dignitatum, quod de nullo angelorum potest dici.*

– conferidos mediante os ministérios que eles possuem junto a nós. Na verdade, eles são espíritos administradores, enviados por causa dos que buscam a herança (cf. Hb 1,14). Eles terão seu ministério concluído quando Cristo entregar o reino a Deus Pai (cf. 1Cor 15,24). Pois o próprio Cristo, então, passando os servirá (cf. Lc 12,37), da humanidade à divindade, para que os santos, entrando e saindo, encontrem pastagem (cf. Jo 10,9).

Os demais nomes dos anjos pertencem ao estado futuro: Tronos, Querubins e Serafins. Os Tronos não recebem esse nome por causa da relação que possuem conosco, mas segundo a relação que Deus possui para com eles, sobre os quais pode, como que, se assentar para descansar; e também pela relação que eles possuem para com Deus, em quem podem descansar. O nome dos Querubins também pertence ao estado futuro, pois pode ser interpretado por “plenitude da ciência”. O mesmo se diz dos Serafins, cujo nome significa “ardente”, devido à excelência de seu conhecimento e de seu amor. Estes três ministérios angélicos não terão termo no futuro, mas talvez algo lhes seja acrescido e possam assim repousar, amar e conhecer por ocasião da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19), para que ela não chegue à plena realização sem nós (cf. Hb 11,40).

Contudo, acima destas dignidades está a dignidade de Cristo, pois “ele sai de um extremo dos céus e o percorre até o outro extremo” (Sl 18,7); ou seja, Cristo é exaltado à igualdade com o Pai (cf. Fl 2,6; 9). Esta é a dignidade de todas as dignidades, e não pode ser atribuída a nenhum dos anjos.

2. Venit, inquit, *ad montem Oliveti*. Et Filius Dei, quamvis secundum omnia que in ipso sunt potest dici mons, non tamen secundum singula dicitur mons Oliveti, sed secundum solam caritatem qua ipse plenus venit ad montem Oliveti. Ipse est enim *mons pinguis, mons coagulatus, mons in quo beneplacitum est Deo habitare in eo, etenim Dominus habitabit in finem*, id est sine termino, sine mensura. In ceteris enim montibus habitat, sed non in finem, quibus datur Spiritus ad mensuram. Mons Oliveti olim fuit et adhuc forsitan est oleis consitus, ex quibus exprimitur oleum, qui liquor omnibus liquoribus superenatat. Sic caritas omnibus virtutibus preferitur, super quas omnes principatum tenet. Omnis enim virtus sine caritate est insípida, est infructuosa et omni carens merito. Hanc autem dilectionem Christus in cruce pendens, de manibus, et pedibus, et latere suo nobis expressit, etiam in monte, quando factus est in agonia, prolixius orando, et gutte sanguinis de corpore ejus sanctissimo profluxerunt. Expressit, inquam, quasi oleum letitie, quo Christus unctus pre

2. Dirigiu-se ao Monte das Oliveiras (cf. Mt 21,1). O Filho de Deus, embora por todos os seus atributos possa ser chamado “monte”, somente pela caridade pode ser chamado “Monte das Oliveiras”. Repleto dessa mesma caridade, para este monte Cristo se dirigiu. Este é o monte fértil, o monte alcantilado, o monte no qual Deus se compraz em habitar para sempre (cf. Sl 67,16-17), sem término, sem medida. Nos outros montes Deus habita, mas não para sempre, pois a eles o Espírito é dado com medida (cf. Jo 3,34).⁴

O Monte das Oliveiras foi no passado, e certamente continua sendo no presente, uma plantação de olivais. Da oliva se extrai o óleo, líquido que sobrenada os outros líquidos. Isso é uma imagem da Caridade, a qual, de forma semelhante, sobeja todas as outras virtudes, tendo a primazia sobre elas; pois toda virtude sem a caridade é insípida, infrutuosa e carece de todo o mérito.

Este amor de Cristo pendente na cruz foi, para nós, extraído de suas mãos, seus pés e seu lado transpassado.⁵ E isto também se deu num monte, quando, em agonia, ele orava com insistência e derramava gotas de sangue de seu corpo santíssimo (cf. Lc 22,43-44). Extraído, digo, como o óleo da alegria, com o qual Cristo, a quem é dado o Espírito sem

4) A respeito da expressão “*ad mensuram*” (dado com medida), veja-se: BIBLIA COMENTADA. Manuel de Tuya (dir.). Madrid: BAC, 1964, p. 1045-1047.

5) Segundo parece expressar Achard, o verbo “*exprimere*” está sendo aqui empregado para correlacionar a ideia do parágrafo anterior: assim como da oliva se extrai o óleo, imagem da caridade; dos membros de Cristo foi extraído o sangue, imagem perfeitíssima da Caridade.

consortibus suis, cui datus est Spiritus non ad mensuram. De quo oleo scriptum est: *Oleum effusum nomen tuum*. Sanctis vero datur gratia ad mensuram et secundum totius plenitudinis Christi participationem, propter quam dicitur oleum effusum nomen suum. Ex qua enim gratia ipse est Christus, et nos christiani.

3. Venit, inquit, a Bethania, que interpretatur domus obedientie. Obediens enim Patri exivit a Patre et venit in mundum, non tamen ex coactione, sed ex propria voluntate. Attendat vestra discretio quanta fuerit Christi pietas, quanta ejus dilectio, que eum ex equalitate paterne majestatis, ut formam servi acciperet, descendere fecit. Ipse etenim celos inclinavit, et descendit, et formam nostram, ut nos redimeret, induit. In qua fatigatus est, esurivit, et sitivit, et ceteras penalitates nostre infirmitatis pertulit, et tandem ad patibulum crucis pervenit, *factus obediens Deo Patri usque ad mortem*. Quam mortem? Mortem crucis, mortem turpissimam, mortem ignominiosam. O Christi pietas, o magne dilectionis indicium! Major etenim videtur caritas Filii patientis quam Patris imperantis, etsi major non sit.

4. Sequitur: Dixit discipulis suis: *Ite in castellum, quod contra vos est*. Hoc castellum est genus humanum, quod ex nobis contra nos est munitum.

medidas (cf. Jo 3,34), foi ungido por seus consortes (cf. Sl 44,8).

Sobre este mesmo óleo se diz: teu nome é como bálsamo abundante (Ct 1,2). Verdadeiramente, aos santos é concedida a graça na medida e segundo a participação na total plenitude de Cristo. Por esta graça ele é Cristo, e nós, cristãos.

3. Veio de Betânia (cf. Mc 11,1; Lc 19,29), que significa “casa da obediência”. Obediente, pois, ao Pai, Cristo saiu do Pai e veio ao mundo (cf. Jo 16,28), não por coação, mas de própria vontade.

Atente vossa inteligência a quão grande é a piedade de Cristo, quão imenso seu amor: ele, em condição de igualdade à majestade do Pai, tomou a forma de um escravo e desceu dos céus (cf. Fl 2,7). Ele mesmo, dos altos céus se inclinou à terra (cf. Sl 17,10) e desceu até nós; e para nos redimir, revestiu-se de nossa carne.

Em sua humanidade, ele se fatigou, sentiu fome e sede e padeceu todas as contingências penosas de nossa condição enferma. E, finalmente, conduzido ao patíbulo da cruz, fez-se obediente a Deus Pai até a morte (cf. Fl 2,8). Que morte? Morte de cruz, a morte mais torpe, mais ignominiosa.

Ó piedade de Cristo! Ó imensa prova de amor! Verdadeiramente, a caridade transparece mais no Filho que sofre do que no Pai que impera, embora *um* não seja maior do que o *outro*.

4. Segue: “Disse aos discípulos: ide à aldeia que está defronte de vós” (Mt 21,2).

Esta aldeia representa o gênero humano, que, apesar de nos ser próprio, é, de certa

Sed quid est hoc, quod in hoc castello generis humani reperitur asina cum pullo, in hominibus quod non est hominum? Ante etenim peccatum, quamdiu *homo fuit in honore*, nichil in homine fuit nisi quod hominis erat; peccando vero *comparatus est jumentis et*, quod deterius est, *similis factus est illis*, in quamdam bestialitatem transeundo. In principio enim, ut dicit scriptura, *creavit Deus hominem ad imaginem et similitudinem suam; masculum et feminam creavit eos*. Quid per masculum nisi sensus interior, quid per feminam nisi voluntas intelligitur, que nimirum juxta latus sensus interioris debet versari, ut secundum ipsum informetur et regatur? Sensus itaque mutatus est in asinam, et voluntas in pullum asine, quantum ad morum similitudinem. Et ita facta etiam mutatio sexuum: masculus enim in feminam et femina in masculum transmutatur. Hec igitur asina, id est interior sensus, ligata est caput suum, id est quod superius est in ipsa, mentem videlicet, vinculis duobus, ignorantia et errore: ignorantia quia nescit veritatem, errore quia credit falsitatem. Antequam enim homo peccasset,

forma, hostil a nós.⁶ Mas o que significa que deste vilarejo, que é o gênero humano, seja trazida uma jumenta com seu filhote; por que, entre os homens, figura algo que não é humano?

Na verdade, antes do pecado, enquanto o homem estava constituído em honra, nada havia no homem que não lhe fosse próprio de homem, mas, pecando, ele pode ser comparado aos jumentos (cf. Sl 48,13) e – o que é ainda pior – ser semelhante a eles, enquanto permanece na animalidade.

No princípio, pois – diz a Escritura –, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança; homem e mulher os criou (cf. Gn 1,26-27). O que se entende por homem, senão o sentido interior (a inteligência); e por mulher, senão a vontade, que naturalmente deve ser dirigida para o sentido interior, a fim de que seja moldada e governada de acordo com ele?

Assim, a modo de comparação, o sentido (interior da inteligência) é transformado em jumenta; e a vontade, no filho da jumenta, dando-se uma inversão de valores entre o que é próprio do homem e próprio da mulher, e vice-versa. Esta jumenta – o senso interior –, está vinculada à parte superior da inteligência, ou seja, à mente, por duas amarras: a ignorância e o erro – ignorância, porque desconhece a verdade; erro, porque crê na falsidade.

6) A imagem de aldeia evocada por Achard é a daquela *praça-forte*, à qual convém estar munida para atender as diversas necessidades do povoado. Segundo sua hermenêutica, é dentro desta mesma aldeia – nossa natureza humana corrompida pelo pecado – que nascem os males contra nós mesmos.

habuit Deum presentem per intelligentiam, cujus contemplatione fruebatur; deinde vero per culpam cecidit de illo culmine divine intelligentie ad rationem, de ratione in fidem, de fide in opinionem, de opinione in dubitationem, de dubitatione in ignorantiam, de ignorantia in errorem. Hec mutatio non est dextere excelsi, sed diaboli. Pedes vero anteriores habet ligatos ignorantia sui et ignorantia proximi, posteriores vero ignorantia mundi et ignorantia inferni; his igitur quatuor vinculis quatuor pedes asine constringuntur. Caput autem pulli ligatum est impietate, que est idolatria et cultura demonum; duo autem pedes ante ligati sunt carnis illecebra et cordis malitia; alii autem duo insatiabili concupiscentia et securitate pestifera. Nec est pretereundum dicere qualiter vincula pulli producuntur ex vinculis asine. Carnis etenim illecebra producitur ex ignorantia propria, cordis autem malitia ex proximi ignorantia, insatiabilis autem mundi concupiscentia ex ejusdem ignorantia, mala autem securitas ex inferni ignorantia. Ad hos igitur solvendo misit Jesus duos discipulos suos, per

Antes, pois, que o homem pecasse, possuía a Deus, cuja contemplação fruía, presente pela inteligência. Depois, por sua culpa, caiu deste cume da divina inteligência à mera razão; da razão à crença, da crença à conjectura, da conjectura à dúvida, da dúvida à ignorância, da ignorância ao erro. Essa mudança não foi operada pela destra do Altíssimo (cf. Sl 76,11), mas pelo diabo.

Com efeito, a jumenta tem as patas anteriores atadas pela ignorância de si mesma e pela ignorância do próximo; as posteriores, pela ignorância do mundo e a ignorância do inferno. Portanto, suas quatro patas são limitadas por estas quatro amarras. Entretanto, a cabeça do filhote está ligada pela impiedade, que é a idolatria e o culto aos demônios.⁷ Suas duas patas anteriores são atadas pelas seduções da carne e a malícia do coração; e as outras duas, pela insaciável concupiscentia e a acídia.

Não é despreciando afirmar de que modo as amarras do filhote são decorrentes das amarras da jumenta: a sedução da carne é produzida pela própria ignorância; a malícia do coração, pela ignorância do próximo; a insaciável concupiscentia do mundo, pela ignorância de si próprio, e a preguiça, por ignorância [ainda mais] vil.

Portanto, para os libertar, envia Jesus seus dois discípulos: a doutrina e a exortação. Não é somente pelo

7) Nesta alegoria, Achard propõe uma referência ao estado geral da humanidade antes da vinda de Cristo, quando imperava a idolatria, o politeísmo etc. Junto à observação antropológica, refere-se ao aspecto religioso do homem, que afastado do Criador pela impiedade, por vezes prestava culto aos demônios.

quos intelligimus doctrinam et exhortationem. Non enim ex quo scimus per doctrinam quid est faciendum, statim illud facimus; ideoque necessario sequitur exhortatio. Vel per hos discipulos intelligimus illustrationem veritatis et inspirationem bonitatis, scilicet spiritum rectum et spiritum bonum. Hi duo discipuli solvunt caput asine ab errore et ignorantia; cujus capiti immittunt vincula sua, scilicet fidem et devotionem. Cujus et pedes solvunt a generibus ignorantiarum, sui videlicet et proximi, mundi et inferni; quos ligant per contrarium, cognitione propria, cognitione proximi, cognitione mundi et inferni. Caput vero pulli solvunt ab impietate ipsa, mutando contrarium in verum Dei cultum. Cujus pedes solvunt et ligant per contrarium, mutando carnis illecebras in continentiam, cordis malitiam in proximi dilectionem, mundi concupiscentiam in mundi contemptum, malam securitatem in Domini timorem.

5. *Et ducunt ad Jesum, et imponunt vestimenta sua.* Cognitione enim veritatis et amore virtutis pervenitur ad Jesum, quasi ductu discipulorum. *Et imponunt vestimenta sua, scilicet exempla virtutum. Et Jesum desuper sedere fecerunt:* ex quo enim tante perfectionis aliquis est quod Jesus ei insidet, jam amplius non indiget magistratu et amminiculo alieno, sed cum Paulo dicere potest: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi.* Jesus vero eis presidens immittit

conhecimento da doutrina que fazemos imediatamente o que devemos fazer. À doutrina precisa seguir a exortação.

Além disso, por estes discípulos – a doutrina e a exortação – entendemos o brilho da verdade e a inspiração da bondade, isto é, o espírito reto e o espírito bom. Estes dois discípulos libertam do erro e da ignorância a cabeça da jumenta, e a ela submetem suas amarras: a fé e a devoção. Suas patas, eles [discípulos] libertam dos diversos gêneros de ignorância: da sua e do próximo, do mundo e do inferno; e as atam ao conhecimento próprio, ao conhecimento do próximo e ao conhecimento do mundo e do inferno. Libertam a cabeça do filhote da impiedade, substituindo-a pelo verdadeiro culto a Deus, e suas patas, as libertam e ligam a vínculos opostos, mudando as seduções da carne em continência: a malícia do coração em amor ao próximo, a concupiscência do mundo em desprezo do mundo, e a má segurança em temor do Senhor.

5. E conduziram a Jesus [a jumenta e o jumentinho], e puseram suas vestes [sobre eles] (cf. Mt 21,7). Pois é pelo conhecimento da verdade e pelo amor à virtude que a jumenta e seu filhote chegaram a Jesus, conduzidos pelos discípulos.

E puseram suas vestes [sobre a jumenta e o jumentinho] (cf. Mt 21,7), isto é, os exemplos das virtudes. E fizeram Jesus montar [na jumenta] (cf. Mt 21,7): postas sobre a jumenta [estas vestes] são tão dignas e perfeitas que Jesus pode se assentar sobre elas; já não há necessidade da dignidade e de vestes alheias, pois sobre ela repousa o próprio Jesus. Assim, poder

vincula sua, cognitionem videlicet operum conditoris et sacramentorum incarnationis Verbi, et contemplationem celestium. Et sic ducit eos in Jerusalem, in veram pacis visionem, ad quam nos ducere dignetur Christus, qui est pax nostra. Amen.

ela mesma afirmar com Paulo: “sede meus imitadores, como eu sou de Cristo” (1Cor 11,1).

Jesus, governando [os discípulos], ata-os às suas ligaduras: o conhecimento das obras do Criador e dos sacramentos que a eles vieram pela encarnação do Verbo, e a contemplação celeste. E assim os conduz a Jerusalém (cf. Mt 21,10), à verdadeira visão da paz. A ela Cristo se digne conduzir-nos, Ele que é a nossa paz. Amém.